

Entrevistado: Fausto Salim

Data da Entrevista: 06 de dezembro de 2011

Entrevistadora: Isabella Verdolin Neves

Fausto Salim: Em 1957, meu pai veio a Brasília, ele era topógrafo do sudoeste de Goiânia, trabalhou uns trinta anos lá no meio do mato, fazendo a topografia. Em 1957 veio a Brasília e ficou até 1960 mexendo com maçonaria, na Associação Comercial Industrial de Taguatinga, Ação Comercial Industrial do Distrito Federal e em 1960 ele herdou um aletrinho e deixou de ser topógrafo e virou tipógrafo.

Então nós somos dos três primeiros pioneiros da indústria gráfica no Distrito Federal. Por isso que tem o nome de Prêmio de Excelência Gráfica Jorge Salim em homenagem ao meu pai, pois nós fomos pioneiros e nós fizemos hoje 51 anos de atividade gráfica, um orgulho muito grande para família. Trabalhamos exclusivamente para indústria gráfica, um orgulho, porque uma empresa durar 50 anos né? Em 1970, dez anos depois, meu pai teve um acidente de carro e, eu com 17 anos, assumi a gráfica, maior orgulho também, você vê, um menino de 17 anos.

Isabella Verdolin Neves: Você é muito mais doido do que eu pensava.

Fausto Salim: 17 anos eu assumi a gráfica com uns 32 funcionários. Então para mim dar qualquer ordem, para qualquer gerente que nós tínhamos lá, eu tinha vergonha demais, punha a cara debaixo da mesa sabe? Essas coisas assim, mas com carinho e dedicação iniciamos na atividade gráfica assim, quer dizer, eu iniciei nos anos 70 e hoje está fazendo quarenta e um anos que eu sou responsável pela gerência da gráfica. E digo para você que em novembro de 2013 eu aposentarei, chega dessa labuta, não aposentar porque tenho, a vida financeira equilibradíssima não, não é isso, eu acho que depois de uma certa idade, se você não parar para curtir sua vida, um dia vai chegar lá em cima, Ele perguntar: “O quê você fez?”, “Trabalhei!”, “Mais o quê?”, “Mais nada”, “-Então não é seu lugar, seu lugar não é aqui”. Então agora eu acho que tem que dedicar aos netos, aos amigos e principalmente à pescaria. Sou pescador há mais de quarenta anos, eu tenho um rancho em Minas Gerais na cidade de Urucuaia, perto de Arinos, há trinta e dois anos que eu pesco lá e tem trinta e dois anos que eu passo o Natal e Ano Novo lá. Aí fala assim: “mas é muito da roça né?”, mas eu quero muito mais ir pra Urucuaia no final de ano, por minha conta do que ir pra Nova York, Paris por conta de alguém, nem! Eu prefiro muito mais essa vida sertaneja, essa vida rural, essa vida de paz de espírito, de civilidade, de moralidade né, isso que é o nosso objetivo, com respeito à sociedade, com respeito à família, com respeito ao meio ambiente,

Isabella Verdolin Neves: Como é que foi sua infância? Como é que foi essa vinda para cá?

Fausto Salim: Nasci em Inhumas, Goiás, em 1952, em 1960 meu pai me trouxe para cá, eu novinho, ele veio em 57 mas trouxe a família em 60. Para você ter ideia, daqui em Inhumas hoje de carro a gente gasta duas horas e meia, três horas, naquele tempo eram dois dias de viagem, para você ter ideia o quê que era as estradas do Brasil e nós viemos para Taguatinga. Moramos em Taguatinga até a década de 70, então eu tenho uma paixão

muito grande por Taguatinga, já foi uma cidade muito pacata, mas hoje é uma cidade muito grande, uma das maiores cidades do Distrito Federal. Estudei em Taguatinga em 79 no Cemab, depois eu vim para o quarto ano e aqui continuei meus estudos. Com 22 anos, no quarto semestre de administração na Universidade de CEUB, um dia tive probleminha com uma matéria que nem existe hoje mais, e o professor queria que eu fizesse prova no sábado, e eu era fazendeiro já naquele tempo, eu não ia mexer com prova no dia de sábado, aí eu falei : “Professor, eu nunca mais volto aqui”, e parei meu estudo. De vez em quando fico assim meio arrependido, mas como a gente tem uma conduta séria, respeitosa na sociedade, eu não tenho preocupação em ser preso né, porque sem diploma preso... Mas então, com respeito, estamos aí, tenho cinco, quatro filhas, cada filha tem um irmão, então você vê que eu sou um pai abençoado né? E outras particularidades que muito me orgulho é de ter uma família maravilhosa, é dizer que eu tenho filhos gêmeos, poucas pessoas têm essa alegria, essa oportunidade, e dizer para você também que eu tenho uma outra filha que nasceu no mesmo dia que eu, então um outro orgulho também que é uma coisa diferenciada não? E todas duas estão formadas, tudo bonitinho, graças à Deus tudo na paz, tudo bem encaminhado na vida, nessa simplicidade nossa aqui, respeito, seriedade, dignidade.

Isabella Verdolin Neves: Como é que era a primeira impressão da sua chegada assim, o quê você lembra quando vocês chegaram à Taguatinga, começaram a morar por aqui?

Fausto Salim: Em 1960 eu tinha oito anos de idade, e Taguatinga, quer dizer, o Distrito Federal, fazia frio, frio violento, zero grau, três graus, dois graus, poeira que não era brincadeira, não tinha asfalto em Brasília, então essas partes das juntas, do joelho, do tornozelo aqui em baixo, rachava, o frio com a poeira que saía sangue, e não tinha naquele tempo esses cremes, a gente passava óleo de cozinha sabe? Para parar o sangramento né, mas naquele tempo era brincadeira de finca, era de pião, era de pipa não é? Era nadar no córrego lá no fundo de Taguatinga, que não era poluído de forma nenhuma, então a gente tinha uma infância gostosa. Caçava coelho no meio do mato, naquele tempo não tinha ecologia na cabeça, não é verdade? Então a gente matava passarinho, então foi uma infância bem rural realmente, né? E até os anos 60 a gente andava descalço, ninguém tinha sapato, era descalço mesmo, que era na roça, em Taguatinga, eu morava em chácara, lá no fundo, então assim, um lugar bem rural, então foi uma infância muito gostosa. Dos doze aos quatorze anos eu criava muito coelho, vendia muito coelho, sempre tinha dinheiro no bolso, sabe? E depois dos quatorze anos aí já não deu mais porque comecei a trabalhar com meu pai na gráfica, fazia acabamento em gráfica, depois fui ser motorista, com quatorze anos, fui preso no DETRAN, no depósito vinte vezes, porque eu tinha que fazer entrega do negócio. Depois comecei a trabalhar no escritório, quer dizer, já fui promovido, já fazia faturamento, já batia proposta, já fazia orçamentos, e depois com o acidente do meu pai quando eu tinha dezessete anos, eu já tinha uma experiência de escritório, mas não de atendimento ao público, eu nunca tinha lidado com o público diretamente, tinha o envolvimento interno administrativo, então foi um ano assim, o primeiro ano foi um ano de grande transformação íntima. Ele acidentou em fevereiro, eu fiquei até dezembro sentado na mesa dele, gerenciando aquilo ali, naquele dia-a-dia ali, muito, supervisionando, e as coisas acabando, naturalmente, aí eu fui na Bibarrô, que era uma loja de magazine muito

grande, tinha umas pastas zero zero sete de papelão, aí eu fui lá, comprei uma, falei: “Vou ser vendedor”, aí fui ser vendedor e graças à Deus tive muito sucesso. Nos anos 80 nós tivemos a indústria gráfica de maior peso, de maior porte, do Distrito Federal, de todo o Centro Oeste brasileiro, foi caminhando, Brasília, Goiânia, Belo Horizonte. Aqui nós tínhamos a maior gráfica, de todo Centro Oeste, com mais de cento e cinquenta funcionários, então foi uma infância gostosa, grandes desafios grandes coisas. Para você manter por cinquenta anos, se você não tiver uma base de respeito, como diz, tem aquele exemplo, se fosse um castelo de areia tinha dissolvido no tempo. Nós temos um castelo não de areia, um castelo de aço, um castelo de seriedade, de respeito, temos funcionários aí, eu tenho dois funcionários de quarenta e cinco anos, quer dizer, eles seriam muito competentes de estar comigo ou a gente que tem uma convivência muito boa, não é verdade?

Isabella Verdolin Neves: É verdade. Depois que você começou a gráfica com a produção pasta zero zero sete, como é que era, a gráfica já era aqui nesse lugar?

Fausto Salim: Não, não, não...

Isabella Verdolin Neves: Onde que ela era e como é que ela veio parar aqui?

Fausto Salim: É uma história gostosa, nós éramos em Taguatinga, em 68, nós mudamos para 510 sul, na Asa Norte, antigamente podia ter gráfica em qualquer canto da cidade, hoje que tem os setores especializados. Então em 68 nós fomos pra 510 sul, era um lojinha de 5 metros por 20 metros, 100 metros quadrados, certo? Quando foi em 72 eu consegui comprar um lote no setor gráfico aqui na esquina, e foi interessante a compra desse terreno, eu fui lá, naquele tempo era Novacap e hoje é Terracap, naquele tempo Novacap, falei com a funcionária: “Eu preciso de um lote no setor gráfico”. “Escolhe na parede”. Aí eu falei: “Eu quero aquele”. Aí ela falou: “Então traz por escrito para mim.” E me vendeu o terreno por 30 mil coisa naquele tempo, hoje para comprar lote é só com licitação pública. Então em 72 eu comprei esse lote da esquina, em 74 nós mudamos para 510, quadra do setor gráfico, e, lá no setor daqueles de dez era 100 metros conforme eu te falei, aí mudamos para um galpão de 800 metros quadrados, aí quando transferimos a máquina, tudo, tinha um compadre meu que trabalhava no Rio, ele olhou e falou assim: “Mas está tudo vazio aqui né?” Aquelas duas maquininhas em 800 metros, saiu de 100 para ocupar 800. Quando foi em 84, dez anos depois, nós estávamos super apertados, nós conseguimos comprar outro lote no setor gráfico, um lote maior, fizemos um galpão de 5 mil metros quadrados, então saímos de 800 para 5 mil metros quadrados, mesma história, quando mudamos, pusemos as maquininha lá dentro, continuou vazio. Quando foi lá para 88 mais ou menos, nós estávamos alugando o galpão da Cibrazem, que é do ramo de estoque, de almoxarifado, para poder colocar papel de trabalho, porque nos 5 mil metros quadrados não cabiam mais nada. Quando foi em 1990, a gráfica cresceu demais, exageradamente, e, fomos para São Paulo, por que, fazer o quê com aquele equipamento? Era equipamento demais que estava no mercado local, mudamos em fevereiro de 90 para São Paulo, compramos um galpão em Guarulhos, por um valor assim, de 2 milhões e meio de dólares em cash, nessa época tínhamos dinheiro. Em março, Fernando Collor de Melo assumiu a presidência do Brasil, e acabou com a minha indústria, como teve pessoas que ficaram trilionárias com o governo dele, teve outra banda da escola com o confisco né? Naquela época eu tinha 450 funcionários

diretos e tinha 50 mil reais no bolso. Aí então a indústria no governo Collor não tinha valor nenhum, e eu com aquela indústria daquele tamanho, nem os 50 mil reais tinha mais. Ali entrou num processo que em 92 eu vendi essa empresa, voltei para Brasília porque, nós que moramos em Brasília não saímos não. Eu cometi esse erro espiritual, não físico, espiritual, de mudar para São Paulo, acostumado com esse trânsito maravilhoso, cidade maravilhosa, nunca tinha trancado um carro na minha vida, essas coisas. Estacionava na porta dos ministérios, na porta! Mudei para São Paulo, a cabeça não resistiu, eu tive uma depressão que saía sangue, suor e sangue, dois anos em São Paulo, querendo dermatologista, legista, não sei o quê, tudo, e nada. Voltei para Brasília, dez dias depois eu estava sequinho, você entendeu? Sequinho! Então, uma experiência muito profunda, muito profunda essa ida para São Paulo. Qualquer motivo, além dos políticos, em Brasília, nós vendíamos, com todo respeito, para órgão público, para funcionário público, tinha licitação de órgão público, e fomos para onde? Sem experiência nenhuma, fomos para São Paulo, capitalismo total, a licitação era muito bem negociada, era muito rígida, muito séria, e aqui não tinha. Você chegava lá, dava uma proposta e vendia, então apanhamos bastante, sofremos bastante. Lá era um mercado altamente competitivo e aqui não, eram três propostas e acabou. Então em 92 eu vendi a empresa em São Paulo, e com muito orgulho voltei para Brasília e montei a gráfica e já tem 21 anos agora, 20 anos agora que eu voltei. Entramos com essa empresinha, com muita dignidade, sobrevivemos, e estamos hoje com mais orgulho de tudo que eu falei, na terceira geração, depois do meu pai, fui eu, (neste momento há um corte na gravação). Quando começou a firma, uma das minhas filhas gêmeas veio trabalhar, está indo muito bem e empolgada, porque não adianta a pessoa estar indo bem se não tiver o coração feliz, absorvido inteiro, tratar bem as pessoas né? Não é só o mercantilismo das coisas, então essa filha minha hoje gerencia de uma maneira totalmente que eu, todas dívidas que dou para ela fica empolgada né, experiência, então eu vejo que ela tá querendo aprender sabe? Então você vê, terceira geração, é 1% do Brasil que chega na terceira geração, 99%, não chega, é um orgulho, ter assim, esse momento da família Salim em atividade gráfica. Tive uma irmã que já teve gráfica também durante uns dez anos, e tenho um irmão que tem gráfica de uns 35 anos para 40 anos também na atividade gráfica. Então a família Salim é de atividade gráfica, e pergunta se vivem bem? Se vivem com muita seriedade, num mundinho pequenininho, não vai pensar que é um mundo... lá você compra carro em vinte e quatro prestações, tem nada de cash mais, um mundo pequenininho, normal né, os meninos estudam bem, estão sempre direitinho, tem as academias, tem o inglês, tem o espanhol, é esse mundinho só e mais nada.

Isabella Verdolin Neves: Daquela poeira toda de quando você falou, rachava o cotovelo, os calcanhares tudo, para hoje, hora que vocês veem assim, Brasília, Taguatinga, Distrito Federal como um todo né, que quando diz Brasília também não é só o Plano Piloto, é tudo, o que você vê assim de mais diferente? O que você acha que ficou a mesma coisa e que você acha que ficou completamente diferente?

Fausto Salim: Esses dias, tem uns 15 dias, eu cheguei para o meu irmão que tem gráfica aqui ao lado e perguntei: “Roberto, você acreditaria que nós teríamos algum dia problema de estacionamento?” Ele falou: “Nunca pensei.” Porque isso aqui em frente

tudo que é Sudoeste hoje era mato, mato mesmo, eu caçava tatu aqui, eu sempre fui rural, tatu, isso aqui eles montaram estrada sabe? A tranquilidade, quando eu vim para o setor gráfico era estrada de terra, não tinha asfalto aqui não, daquele tempo para cá, alguma coisa que a gente vê, marca muito, que é o conforto do trânsito, que Brasília sempre foi tradicional, e o trânsito gostoso, responsabilidade, e hoje acabou, isso aqui depois do almoço, quando eu vinha ao tribunal, eu venho à câmara legislativa, eu venho ao tribunal de justiça aqui, tem grandes empresas de T.I aqui nessa rua, isso aqui a tarde não tem estacionamento. Imagina um lugar que era mato há pouco tempo atrás, então essas coisas marcam você. E comercialmente, o que aconteceu com Brasília foi o seguinte, as grandes empresas gráficas, porque, os meus concorrentes, meus concorrentes ferrenhos, não são daqui do Distrito Federal, meus concorrentes são de Belo Horizonte, Goiânia, São Paulo, Curitiba, Maceió, as grandes empresas vem vender aqui em Brasília, e naquele tempo se, pegava serviço, por exemplo, da fundação, fundação, era fundação de saúde hospitalar, se falava, você chegava no balcão lá, tinha esse modelo assim, você assinava, “Farei 20 mil bloco desse”, e assinava e ia fazer, mas tinha que entregar os 20 mil blocos tá certo? Hoje para você ter um trabalho abre uma licitação bruta né, uma corrupção brava, tá certo? Então, os valores naquele tempo eram os valores sabe, de responsabilidade social, na inauguração do Banco Regional de Brasília, que é o maior banco do Distrito Federal, em 1968, nós ficamos seis meses de porta fechada ao público, teoricamente, para atender a criação do DRT, inclusive, você vê, naquele tempo a gente fazia até talão de cheque. Então eram uns projetos maravilhosos, o primeiro livro de orçamento do governo, o primeiro livro de orçamento foi feito por nós, e para fazer livro naquele tempo sabe, tanta letrinha daquela né, porque naquele tempo era letrinha, hoje é informática né? Você fazia uma página do livro, tinha que desmanchar aquilo pra fazer a segunda página porque não tinha as letrinhas, olha só que sacrifício!

Isabella Verdolin Neves: (risos)

Fausto Salim: Você tá rindo? Era difícil sabe? E depois veio o linotipo, quer dizer, já tinha o linotipo, aí depois quando veio o linotipo vieram as letras de madeira sabe? Letras de madeira assim, para você fazer títulos, tinha que ser letra de madeira, sabe, fazer aquelas lettrona assim, aí você fazia assim: droga, aí imprimia, depois, imprimia o resto, da, drogaria, aí você imprimia a “ria” por que os “r” não tinha mais, você entendeu, tinha que imprimir de duas vezes, então era esse folclore gostoso.

Isabella Verdolin Neves: Quando você pensa assim, você está falando que já está na terceira geração, na indústria gráfica né?

Fausto Salim: Isso...

Isabella Verdolin Neves: Como é que você pensa que vai ser isso daqui mais 50 anos?

Fausto Salim: Ó o medo...

Isabella Verdolin Neves: Vamos brincar de previsão do futuro!

Fausto Salim: Há muito tempo atrás, falaram em, naquele tempo de informática, falaram que o jornal ia acabar, que ia só não sei o quê, hoje estão falando muito em e-book, não sei o quê, negócio de livro, não sei o quê, disseram que já vai ter uma escola em Brasília que já vai começar o ano com esse livro. Eu vou dizer pra você o seguinte, que gráfica em 50 anos existirá mesmo, um exemplo assim, prazer gostoso né? O dia que você nasceu, primeira coisa: papel, certidão de nascimento, gráfica, o dia que a gente vai embora, atestado de óbito, gráfica, então não vai acabar, concorda comigo não é? E nós,

dessa geração aí, de 20, 30 anos, jamais vai abandonar o livro e vai entrar no computador, concorda comigo? Os meninos de hoje, nove, dez anos, acredita que dez, vinte anos, quando tiverem lendo um livro, eles vão ler no e-book realmente, sei lá. Então eu acho que gráfica não vai acabar, numa peça promocional, num convite de casamento, num livro de artes, de obras de arte, num livro de flores, como é que você vai por? Você tem que pegar no papel para sentir, então vou dizer para você, ela vai mudando o caminho para um objetivo, mais irá sempre levar para um objetivo final. Você vê essas grandes editoras hoje, faz um milhão de livros, matemática, geografia, ciências, química, cada editora faz um milhão, dois milhões, cinco milhões, dez milhões, faz os livros todos, daqui a dez, vinte anos, essas empresas já vão estar fora, um pouquinho menor no caso de hoje, que é a realidade da vida, mais, encerrar, vamos lá, eternamente, com alegria, e pode ser que diminua né, que não tenha uma gráfica, num galpão, de mil metros quadrados, de cinco por duzentos metros quadrados né, como tem hoje a gráfica digital, que até as tiragens antigamente não tinha né? Então, se você precisa de duzentos, trezentos convites, cinquenta livrinhos de missa, alguma coisa, não se faz numa gráfica tradicional, se faz num segmento de gráfica, aí não vai acabar não, gráfica vai durar...

Isabella Verdolin Neves: Tem alguma coisa que eu não perguntei que você quer acrescentar?

Fausto Salim: Olha poderemos falar de algumas coisas, tristes, como política, então você vê, política não dá certo né? Melhor mudar de assunto... O que poderíamos falar?

Isabella Verdolin Neves: Fala do prêmio, como foi criado o Prêmio Jorge Salim em homenagem ao seu pai, como é que é para você ver o prêmio hoje? Eu digo que, para mim, esse prêmio é uma grata surpresa, minha empresa já ganhou o prêmio Jorge Salim, muito legal participar. Como é que apareceu o prêmio?

Fausto Salim: Em todos os sindicatos da Abigraf Nacional, das 27 listadas aí, somente, uns doze, quinze que tem um prêmio regional de excelência gráfica, então São Paulo tem, Minas tem, Brasília tem, Goiânia tem, não é todo o Brasil que tem. Então esse prêmio já tem dez anos aproximadamente, nós fizemos esse prêmio e eu orgulhosamente cedi o nome do meu pai, com a condição seguinte: vou à polícia, se tiver coisinhas erradas politicamente, administrativamente, porque tem que ser um prêmio super respeitável, porque senão não ponho o nome do meu pai, concorda comigo? Meu pai viveu 84 anos de dignidade, não vai ser, pós-morte que vai ter sujeira no nome do prêmio de excelência gráfica. Então este prêmio é conduzido com seriedade, a comissão é gente de São Paulo, tá certo? Da Abigraf de São Paulo, gente, professor da UNB, professor disso, diretor, presidente de sindicato, pessoas que conhecem o produto gráfico para fazer avaliação. São 38 categorias de produtos, cartão de visita, papel relatório, como diz a bíblia, do cartão à bíblia, e existe também o prêmio Abigraf Nacional. Então nós temos o regional, Jorge Salim, temos o nacional e temos o da América Latina também que chama Teobaldo de Nigres, esse da América Latina. Brasília tem uma única gráfica que tem esse prêmio da América Latina, que é a gráfica Charbel, é a única gráfica que ganhou o prêmio da América latina, e o bom de ganhar um prêmio da América Latina é ganhar de argentino não é? Então esse prêmio Jorge Salim tem há dez anos, sempre é muito respeitável, muito querido, a participação de fornecedores da indústria gráfica do Brasil inteiro, comparecem porque sabem que é um prêmio de seriedade, é um prêmio de respeito, e

isso de alguma maneira, ele comercialmente quando diz, pouco, mas emocionalmente um orgulho quando você diz que já participou. Eu visito cliente que tem lá uma homenagem, um prêmio Jorge Salim, pode ser de um cartão de visita, mas é um orgulho saber que a pessoa respeita aquele prêmio, isso é gostoso né? Estamos aí já, com indicamento do Sindigraf aí, nós estamos aí, 40 anos no sindicato gráfico né, sempre com cumprimento político para participar da gráfica, sobrevivendo com muito orgulho, tá bom. Só um segundinho... Prêmio regional, prêmio de excelência gráfica Jorge Salim, cinturão, prêmio da Abigraf Nacional, Fernando Filho e prêmio da América Latina, Theobaldo de Nigris, e tem o mundial, que eu não sei o nome e não quero participar, sou desse tamanho assim

Isabella Verdolin Neves: Ganhar da argentina já tá bom?

Fausto Salim: Já tá bom, você não gostou né? Brasília, não fica nada a dever em termos de qualidade, em produtividade, tá certo? E serviço gráfico; o que o alemão faz, o japonês faz, o italiano faz, Brasília faz, equipamento é mundial, a mão de obra nossa é, de certa maneira, bem treinada, gráfica é como fórmula 1, você não pode no meio da corrida parar para por óleo, calibrar pneu, essas coisas. Produção gráfica é a mesma coisa, não temos volume de um milhão de livros, esse não é o cartaz do Brasil, mas esse mundinho de cinco mil, dez mil livros, trezentas, quinhentas páginas, não temos nenhuma dificuldade, em termos de qualidade, em termos de produção também. Então eu queria ao museu, esse momento, dizer a vocês que Brasília nada fica a dever em termos de produção.